

## MANDAMENTOS E TRADIÇÕES

Sempre, em todos os tempos, vieram ao mundo seres espirituais em missão de ajuda à humanidade para que esta pudesse encontrar caminhos que permitissem desenvolver com maior brevidade a sua evolução.

Para além de outros avatares também Moisés, os profetas, Jesus e os apóstolos, nas suas missões de ajuda, estabeleceram à humanidade condutas de comportamento justas e harmoniosas em face do lento evoluir do Homem, em conformidade com a espiritualidade alcançada pela sua alma naquele momento.

Mas os homens, nas suas várias interpretações, foram aqui, ali e acolá adaptando os ensinamentos recebidos através do intelecto de acordo com os seus interesses, significados próprios e adaptações à sua vida do dia-a-dia de vaidade e de orgulho religioso, transformando-os em tradições convenientes à sua imagem e semelhança, ficando no esquecimento os valores Divinos.

Cumprindo a tradição, o Homem foi esquecendo os valores profundos do religar do templo, preso a dogmas e mais preceitos humanos, exercendo o culto exterior deixando assim, desse modo, o interior vazio e sem o significado real necessário ao desenvolvimento ascensional da alma humana.

Por esse motivo diz Jesus: «Sois semelhantes a sepulcros caiados por fora e podres por dentro». (Mt 23,27)

E deste modo, tudo serve e vai servindo ainda hoje para contradizer os valores anunciados por Jesus, para justificar as consciências daqueles que servindo-se da mentira e do engano, puxam a brasa às suas conveniências servindo-se assim de uma conduta egocêntrica que o próprio Homem implantou no mundo.

Já no tempo de Jesus ele era inquirido pelo facto dos seus discípulos comerem sem primeiro lavar as mãos: «Por que não andam os teus discípulos conforme a tradição dos antigos, mas comem o pão com as mãos por lavar?» (Mc 7,5).

E Jesus, chamando outra vez a multidão, disse-lhes: «Ouvi-me vós todos, e compreendei. Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele, isso é que contamina o homem» (Mc 7,14-15)

Isto depois de Jesus lhes ter demonstrado que alguns dos seus comportamentos contrariavam os preceitos Divinos, recordando-lhes Isaías: «Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição.» (Mc 7,9) [Ver também Mc 7,1-23].

E isso, sabemos nós, faz parte do funcionamento da Lei de Causa e Efeito através da vibração interactiva porque tudo quanto sai volta, seja negativo ou seja positivo, produzindo efeitos de dor e sofrimento ou, pelo contrário, efeitos de felicidade.

Não é que se deva comer sem lavar as mãos por uma questão de higiene – é absolutamente recomendável – mas até ser isso um conceito Divino a nível de pecado é menosprezar a inteligência que Deus nos deu.

Tudo servia para o combater pois a sua doutrina crística é uma doutrina de libertação dos valores egoístas para que a fraternidade impere e é, portanto, incómoda para os ricos e poderosos.

Cumprida a tradição festiva e luminosa onde tudo diz respeito aos critérios do passado, ficam os momentos de prazeres e de satisfação da festa participada que ignoram os valores espirituais do mandamento, porque se dirigem ao exterior acompanhados pelos inúmeros negociantes que os rodeiam e que fazem parte dessa mesma tradição, em vez de ser sentida e vivida com os valores do Espírito Divino no sagrado recolhimento da nossa alma.

O mandamento é de Deus e Deus não se vê porque é espírito, como nos disse Jesus (Jo 4,24). A tradição é dos homens e por isso a tratam com desvelo.

Jesus alertou-nos para termos cuidado com os falsos profetas.

O mundo, no tempo de Jesus, não difere do nosso na observância destes conceitos.

Não compreendendo a mensagem espiritual porque impeditiva dos vários interesses em jogo, usa-se e abusa-se através de tudo que possa dar prazer e fomenta o poder do ter.

Em todas as classes sociais, sem excepção, a perversão de carácter salienta-se de maneira tão sofisticada que é preciso andarmos no mundo bem atentos e cautelosamente despercebidos para não sermos ludibriados ou sermos apanhados desprevenidos.

A lei implantada é a de salve-se quem puder pois em qualquer actividade o homem se confronta com outros homens que, para atingirem os seus objectivos, não olham a meios.

Como as leis Divinas têm um outro fundamento em que vigora o amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo, há que ignorá-las porque não servem ao mundo de competição actual.

Fariseus anónimos surgem-nos de todos os lados com perguntas insidiosas, escribas pervertidos na busca de sensacionalismo desnaturam a verdade, falsos profetas e obreiros fraudulentos especulam com as coisas mais sérias, não tendo em conta o sacrifício daqueles nossos irmãos que, em missão de solidariedade e fraternidade, vieram ao mundo no anseio de elevar o nível de conhecimento espiritual da humanidade a fim desta evoluir para um estado de fraternidade tendo como princípio a doutrina crística do amor a Deus e ao próximo.

Por isso nos aconselha Jesus: «Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores.» (Mt 7,15).

Mas quando surgem os festejos, espectáculos de tradição religiosa, lá estão eles, todos pressurosos, engordando mercantilmente os seus proventos.

Tudo serve para vender e criar lucros satisfatórios.

Foi exactamente por isso que Jesus, entrando no templo e deparando-se com aquele negócio infame da venda de pombos destinados à prática de sacrifícios e câmbio de dinheiro, não pôde conter a sua indignação e, exaltando-se, volteou com energia sobre a cabeça uma dobra de cordas, espalhando assim o caos com o derrube de mesas, libertando animais e provocando a queda das moedas por todo o pavimento.

Jesus bem compreendeu a sinuosidade daquelas mentes dominadas pelo príncipe deste mundo quando novamente lembrou Isaías: «Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.» (Mt 15,8).

A misericórdia e a compaixão, salvo raras excepções, não mais alimentam os corações e a fé por terem deixado de aquecer as almas com a sua chama vivificadora porque a palavra Divina foi invalidada por causa de interpretações e conceitos que ainda hoje são tradicionais.

Os profundos ensinamentos de Jesus estão envolvidos na neblina cerrada dos interesses mundanos que, baseados nos preceitos deteriorados, consagraram a tradição servindo os interesses egoístas e olvidando o sentido profundo de desenvolver em nós a capacidade de amar todos os seres vivos como manifestação Divina, a exemplo do que o espírito ensinou a Abraão, a Moisés e que Jesus tão bem nos transmitiu.

Dir-se-á: Muita coisa se tem feito em benefício dos mais desfavorecidos, que não têm pão para a boca e tecto para dormir.

É verdade que sim e devemos honrar e exaltar as excepções porque é um dos deveres de honestidade e de amor por quem sofre. Mas, no entanto, não se pode esquecer a reciprocidade monetária pois que, de uma maneira geral, só servem àqueles que podem pagar ou têm bens para doar. Esquecemos os sem abrigo, os famintos, porque não têm condições de subsistência; as crianças que morrem por falta de alimentos e de cuidados médicos por estarem em completa miséria, etc.

Inúmeras pessoas e organizações bem-intencionadas desenvolvem esforços e dedicam-se a estas situações mas não são o suficiente para o sofrimento que actualmente grassa por todo o mundo, e os governos dos povos da Terra estão apenas virados para as economias dominadas pelos poderes económicos.

Quando do episódio com Judas, em que Maria ungiu os pés de Jesus com um unguento de nardo puro, Jesus elucida-nos: «Porque os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes.» (Jo 12,8)

Jesus era bem conhecedor da índole humana e do trajecto evolutivo dos seres e, por isso, lhes disse que “pobres sempre os tendes”.

Tenhamos perseverança porque nada se perde. Tudo tem uma razão de ser e a Justiça Divina é bem infalível, visto tudo estar previsto com perfeição na criação.

Quando o Sol se esconde no horizonte, o planeta é envolvido em escuridão, tudo lembra caos. Mas, mais adiante, surge a alvorada e o mesmo Sol ilumina o mundo e dá-lhe vida.

Segundo o que está escrito, estão chegados os tempos da colheita e, para isso, haverá a separação natural do trigo e do joio.

A uma época de provação sucederá uma de regeneração. Sem qualquer dúvida cá estaremos todos, uns e outros, para ver e viver.

E tudo isto com base em mandamentos e tradições. Tudo se encaixa numa estrutura evolutiva perfeitamente creada, com vista à sublimação de Seres altamente perfeitos e sapientes.

São os dez mandamentos trazidos por Moisés do Monte Sinai, atribuídos a mensagem directa de Deus, que visam a ética.

Moisés tinha necessidade de leis morais para conter as negatividades daquele povo judaico que, por analogia, se podem atribuir à humanidade em geral em termos de imoralidade, de possessão e de adoração de falsos deuses, a fim de que os pudesse conduzir a uma existência de valores superiores.

São conceitos que não foram interiorizados espiritualmente para modificação do eu inferior, mas sim observados no rigor do comportamento exterior, de tal forma drásticos, que levavam ao extremo do apedrejamento do infractor até à morte.

Era a Lei de Talião, que interpretavam de acordo com as suas conveniências, em cuja sagacidade e hipocrisia eram peritos. E ainda hoje assim é visto não haver grande diferença da actuação do intelecto ao serviço do ego humano.

E ainda hoje existe na humanidade, para nossa vergonha, a pena de morte.

Após séculos de ignorância surge-nos, em determinado tempo, Jesus, o arauto do amor, e porque não veio revogar a lei ou os profetas mas levá-los à perfeição, explica ao Homem que Deus é amor e que só através do perdão o ser se redime na compreensão de que somos todos irmãos e que a lei abrange não só um povo – o povo de Israel – mas toda a humanidade.

E diz-nos, buscando o que estava escrito há séculos: «Amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua força e de todo o teu entendimento e ao próximo como a ti mesmo.» (Mt 22,37-39)

“E ao próximo como a ti mesmo”. Isto quer dizer que devemos amar-nos porque só amando-nos saberemos amar o próximo. Mas amar em nós o quê? A resposta requer estudo profundo sobre a nossa natureza Divina.

Para que isto se possa conseguir é necessário que o Homem se consciencialize cumprindo a tríade dos deveres indispensáveis, fazendo deles a sua ética. Deste modo teremos que, em primeiro lugar, observar os deveres que temos para com o Creador; em segundo, para connosco mesmos e depois, em terceiro, para com todos os seres creados por Deus.

Nisto resumiu Jesus a lei e os profetas.

Sendo Deus o autor da nossa existência, o nosso verdadeiro Pai, devemos dedicar-nos primeiramente a Deus, com todos os haveres que nos foram concedidos para administrar a nossa própria vida, visto que a vida que possuímos nos mundos da forma representa uma dádiva para ascendermos aos níveis da sabedoria e da perfeição.

Os deveres do Homem estão em relação com o seu grau de entendimento, com as suas aptidões físicas, intelectuais e psíquicas. É preciso que se instrua em espírito e verdade porque lá está o ensinamento que manda que é preciso que em primeiro lugar procure as coisas do Espírito.

Ninguém pode dar o que não tem, mas é fora de dúvida que devemos dar a Deus tudo o que temos pois, verdadeiramente, nada é nosso porque tudo o que temos nos foi outorgado por Ele como merecimento ou teste e sempre que damos algo a qualquer ser vivente, o estamos a fazer ao próprio Senhor de tudo.

Depois temos os nossos deveres para com os nossos próximos, os que viajam connosco nesta epopeia cósmica de ascensão espiritual, onde necessitamos de coragem e ajuda, o que nos leva a perceber o dom da solidariedade e a compreender as palavras de Jesus: «E dá a qualquer que te pedir; e ao te tomar o que é teu, não lho tornes a pedir. E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também.» (Lc 6,30-31).

É do cumprimento desses deveres em consciência que começa a felicidade porque está escrito: «E recordar as palavras do Senhor Jesus: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber.» (Act 20,35).

Satisfeitos os deveres que temos para com Deus, ocorre-nos tratar daqueles que se relacionam com a nossa própria individualidade. E essas obrigações são de natureza material, intelectual e espiritual.

O Homem vem aos mundos da forma para, em contacto com a matéria, progredir e esse progresso depende do bom emprego que possa fazer do tempo reencarnatório para zelar e proteger o seu corpo, proporcionando-lhe a natural manutenção da saúde e o cultivar a alma, que é a sua real individualidade, sem detrimento um do outro.

Do mesmo modo lhe cumpre fazer para com o seu próximo.

Próximo é aquele que se aproxima de nós, seja em corpo material ou espiritual.

Há próximos que estão longe de nós estando tão perto e próximos que estão tão perto estando longe.

No âmbito da alma, age a Lei da Afinidade.

No terreno da matéria, a Lei da Atracção.

Os principais próximos são aqueles que nos estão ligados pela Lei da Afinidade psíquica.

Mas, verdadeiramente, os nossos próximos são todos aqueles que, em qualquer plano, sem exceções, o Criador criou e cujas almas se desenvolvem nos mundos experienciais da forma.

O homem que cumpre o seu dever a nada mais fica obrigado. Quando o homem faz o que pode, Deus faz por ele o que ele, por si mesmo, ainda não pode fazer. Por isso nos diz Jesus: «As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras.» (Jo 14,10).

Feliz daquele que faz tudo o que pode e deve fazer, pois esse é o bom emprego do talento que leva à aquisição de outros muitos talentos porque o retorno é sempre pródigo.

Pois três são os deveres indispensáveis do homem: Para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.

O chamado preceito consciencial é este: Ama a Deus, ama a ti mesmo, ama o teu próximo, instrui-te e procura também instruir os seres vivos que são teus irmãos porque Deus, nós e toda a criação, são Um.

Faz tudo isso com todo o teu entendimento, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e estarás com o Pai do céu, como Ihe chamou Jesus.

Este é o mandamento supremo que todo o homem deve consciencializar, recebendo-o do Espírito de Deus pois ele mostra-nos a genuinidade Divina.

15-09-1980 Abrame